



## **“Contra fatos não há argumentos”: negacionismo, conspirações e política no discurso sobre a Amazônia**

Izabela Henriques Feffer<sup>1</sup>  
André Luiz Coutinho Vicente<sup>2</sup>  
Jaqueline de Araújo Vieira<sup>3</sup>

### **Resumo**

A presente comunicação analisa o contexto de efervescência de postagens sobre uma suposta cidade perdida na região da Amazônia brasileira, Ratanabá, cujo debate ganhou repercussão nacional por meio das redes sociais, nas primeiras semanas de junho de 2022. Nosso objetivo é demonstrar como essas publicações se inserem em um campo mais amplo, afirmando e propagando informação de cunho conspiracionista e negacionista através de um regime de produção de "fatos" - cuja metodologia é “própria”, porém inacessível e desconhecida por outros pesquisadores - e sua atuação em um projeto discursivo e político que passa pela mineração de dados, plataformas de mídia, capitalização de recursos naturais e consolidação ideológica da ficção narrativa de certos setores da extrema-direita brasileira. As postagens às quais nos referimos foram disseminadas pelo grupo “Dakila Pesquisas”, integrante do “Ecosistema Dakila”, e o trabalho, ainda em fase inicial, se desenvolve por meio de uma incursão etnográfica virtual, propondo a investigação e mapeamento de postagens feitas nas redes sociais, principalmente o Youtube, além de blogs e sites relativos ao tema e sua respectiva repercussão entre grupos de indivíduos e instituições brasileiras. Para elucidar o debate são mobilizados recursos teórico-analíticos advindos majoritariamente da Antropologia e Filosofia da Ciência e aqueles oriundos de pesquisas recentes sobre negacionismos e conspiracionismos.

Palavras-chave: Extrema-Direita, Negacionismos, Amazônia, Ratanabá, Ciência.

---

1 Cientista Social (FFLCH/USP) e Mestranda em Antropologia Social (PPGAS-MN/UFRJ).

2 Pedagogo (IE/UFRRJ) e Mestrando em Antropologia Social (PPGAS-MN/UFRJ).

3 Cientista Social (CCH/UEL) e Mestranda em Antropologia Social (PPGAS-MN/UFRJ).

## Introdução

Este texto e investigação em curso se estruturam a partir de uma agenda de interesses em comum das/o autoras/e. Diante de uma série de publicações de cunho conspiracionista e negacionista realizadas por meio das redes sociais<sup>4</sup>, especialmente a partir do mês de junho de 2022, no auge do debate público que trazia a centralidade dos ataques sofridos pela Amazônia e seus povos, notamos que “Ratanabá”<sup>5</sup> passou a ser mencionada em inúmeras plataformas digitais. O impulsionamento de tal debate se deu no decorrer dos dias que sucederam o desaparecimento (até a confirmação do assassinato político) de Bruno Pereira e Dom Phillips, indigenista brasileiro e jornalista britânico, entre 5 e 15 de junho de 2022, no Vale do Javari, Atalaia do Norte, Amazonas-BR. Conforme a entrevista concedida pelo arqueólogo Eduardo Góes Neves para a BBC Brasil<sup>6</sup>, publicada no dia 15 de junho de 2022, em que comenta sobre a efervescência do assunto Ratanabá, as datas dos dois ocorridos colidem, e muito.

Trata-se de um estudo preliminar que visa, primeiramente, mapear a ampla rede que dá sustentação à comunidade que endossa e afirma a existência da suposta “cidade perdida na Amazônia”, Ratanabá - e toda a narrativa que a permitiria existir -, para que, em um segundo momento, seja possível identificar os laços do entrelaçamento do discurso adotado por certos setores da extrema-direita brasileira.

Nosso objetivo é entender a produção desses “fatos”, cuja prerrogativa negacionista e conspiratória é utilizada para disseminar desinformação por meio de plataformas digitais, promovendo concomitantemente ataques à territórios tradicionais, neste caso em específico, à área da Amazônia Legal<sup>7</sup>, mas também às instituições e

---

4 Instagram, Twitter, Youtube, Tik Tok e outras. Todavia, escolhemos centrar nosso interesse apenas em duas dessas redes, o Youtube e o Instagram.

5 Destacamos que a primeira citação de um termo ou nomeação oriundo dos integrantes do grupo que analisamos, ligados à disseminação de Ratanabá, será acompanhada de aspas, dando ênfase às categorias que são nativas do grupo. Já a escolha pelo uso de palavras em itálico segue a necessidade de destacar noções importantes no contexto da análise.

6 “Ratanabá: arqueólogo explica porque a lenda da cidade perdida na Amazônia não faz sentido”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61803303>. Acesso em: 8 nov. 2023.

7 Conforme informações disponíveis no site do IBGE, “A Amazônia Legal corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM delimitada em consonância ao Art. 2o da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007. A Amazônia Legal foi instituída com o objetivo de definir a delimitação geográfica da região política de atuação da SUDAM como finalidade promover o desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional [...] A Amazônia Legal apresenta uma área de 5.015.067,86 km<sup>2</sup>, correspondendo a cerca de 58,93% do território brasileiro”. Ver mais em: IBGE. Amazônia Legal. [2021] Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas->

pesquisadores não vinculados ao discurso proposto. Extraímos, por meio de canais disponíveis em diversos espaços da internet, materiais de análise que serão mobilizados para o argumento aqui proposto, focalizando quem produziu, quem divulgou, quando se deu cada interação e a quais espaços territoriais se referem. Pesquisas com conteúdos disponíveis na internet têm sido feitas por antropólogos a partir de distintas preocupações e sob nomenclaturas diversas (PARREIRAS, 2012, LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, CESARINO, 2021, HORST; MILLER, 2020, MILLER, 2020).

Nosso objeto de investigação surge em um contexto virtual, mas existe para além dele - o qual a análise fugiria ao escopo do que nos propomos aqui. Levaremos em conta as publicações, em formato de vídeo e/ou *notícia*, e as informações disponíveis nos sites e redes sociais oficiais do grupo, nos atendo tanto às ideias mobilizadas quanto ao conteúdo mais direto dessas produções, como a linguagem adotada e seu revestimento pretensamente científico. O título desta apresentação faz referência a um dos vídeos disponíveis no canal do Youtube do grupo, sendo, para nós, emblemático, do ponto de vista das análises e reflexões.

Ressaltamos o exercício metodológico e epistemológico empreendido neste trabalho, visto que ao nos familiarizarmos com o discurso apresentado pelo grupo ligado à disseminação de Ratanabá, buscamos não incorrer em deslizes éticos e analíticos do fazer antropológico. Tal movimento inclui o exercício de *levar a sério* o discurso apresentado sem subscrevê-lo aprioristicamente a categorias como *negacionismo* e *conspiracionismo*. Este exercício ético-metodológico nos coloca em uma posição de rebater o negacionismo ao mesmo tempo que evoca a necessidade de entendê-lo como um sintoma social de uma ciência hermética e de uma política de desinformação fomentada por setores de direita conspiracionista. Analisamos os dados a partir de sua produção e reprodução, que nos leva a entendê-los por meio dos instrumentais teórico-conceituais dos quais dispomos. Nosso empreendimento, assim, não é tanto o de imputar um valor-verdade aos discursos, mas de compreendê-los dentro de uma ampla rede ramificada de produção e de significação que parte de e chega a dinâmicas conspiracionistas e negacionistas via a produção de legitimação, através da evocação de elementos verificadores como *fatos*, *pesquisas* e *incursões*.

---

[regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e](https://www.regioais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e). Acesso em: 19 set. 2022.

Assim, as postagens às quais nos referimos foram feitas pelas páginas geridas nas redes sociais do grupo “Dakila Pesquisas”, parte do “Ecossistema Dakila”, administrado por Urandir Fernandes de Oliveira, que se define - de acordo com seu próprio perfil nas redes sociais - como CEO e Presidente do grupo. A figura de Urandir é conhecida publicamente por outros eventos midiáticos, como veremos mais à frente, e ganhou destaque também durante o mês de junho de 2022 na ala governamental, após ter sido comparecido ao gabinete do então Secretário Especial da Cultura Mário Frias (2020-2022), durante a gestão presidencial de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), para apresentar as “evidências” que possuía sobre a existência de Ratanabá<sup>8</sup>.

Frente ao exposto, lembramos que o governo de Jair Bolsonaro foi marcado, desde o processo eleitoral, pelo histórico de reprodução negacionista em temáticas diversas, grande parte delas já estudada por cientistas sociais brasileiros, desde a ineficácia das vacinas e a recusa da pandemia de Covid-19, contrariando as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o negacionismo das mudanças climáticas e socioambientais – apesar dos dados drásticos do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas (IPCC) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) – entre muitos outros. Todas essas situações se reverteram, durante a gestão Bolsonaro, em ausência de políticas públicas dedicadas a tratar desses assuntos, além de cortes orçamentários nas instituições de pesquisa. Portanto, nos pareceu interessante que teorias como as que sustentam a existência de Ratanabá estivessem ganhando corpo e espaço político naquele momento, inclusive no governo.

Mário Frias, em sua conta oficial no Instagram, descreve da seguinte forma o encontro com Urandir:

Tenho visto muita confusão sobre o tema e quero esclarecer alguns pontos. No dia 11 de setembro de 2020, enquanto eu estava como Secretário de Cultura, recebi no meu gabinete o Urandir Fernandes de Oliveira, que é o presidente da Associação Dakila Pesquisas, entidade independente que revelou Ratanabá (...) Na ocasião, ele me apresentou um documento que resume os estudos iniciados pela associação desde 1992, ano em que Ratanabá teria sido descoberta. Vi diversas fotos de artefatos bem elaborados de metal e de cerâmica encontrados em galerias subterrâneas no Real Forte Príncipe da Beira, no município de

---

<sup>8</sup> “Mario Frias recebeu empresa que divulga teoria falsa na Secretaria de Cultura”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/mario-frias-recebeu-empresa-que-divulga-teoria-falsa-na-secretaria-de-cultura.shtml>. Acesso em: 9 de nov. 2023.

Costa Marques (RO). Segundo Urandir, estas galerias fazem parte do Caminho do Peabiru que são trajetos que cortam o continente sul-americano e se interconectam criando uma estrada com ramificações subterrâneas e de superfície que partem de Ratanabá.<sup>9</sup>

A respeito do Caminho do Peabiru, mencionado pelo ex-secretário, trata-se de uma rota no continente sul-americano responsável por fazer a ligação entre os oceanos Atlântico e Pacífico. A estrada foi construída e utilizada por diferentes grupos indígenas no período pré-colonial - e posterior ao mesmo. A rota, porém, não passa pela região da Amazônia brasileira, onde se concentram as atividades do grupo.

Indícios demonstram que o Caminho de Peabiru já existia antes da vinda de Cristóvão Colombo à América em 1492 e de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, em 1500. Segundo Rosana Bond (2004), a rota foi a mais importante “estrada” transcontinental de toda a América do sul antes da chegada dos homens brancos. O caminho integrava o Brasil, o Paraguai, a Bolívia e o Peru, percorrendo mais de três mil quilômetros, indo do Oceano Atlântico ao Pacífico. No Paraná, formava uma rede de trilhas, motivo pelo qual alguns historiadores preferem escrever no plural: Caminhos de Peabiru (ROCHA, 2015).

Aqui, portanto, encontramos uma primeira ramificação da ampla rede de criação conspiracionista. O grupo Dakila Pesquisas propaga que o Caminho do Peabiru foi construído por uma civilização antiga chamada “Muril”. Sobre isso, afirmam que “A civilização dos Muril foi a primeira que chegou na terra há 600 milhões de anos atrás. Os Muril ficaram aqui até um pouco antes da elevação dos Andes, por volta de 450 milhões de anos atrás” (DAKILA, s/d). Portanto, os Muril seriam responsáveis por construir a cidade de Ratanabá, que, de acordo com a teoria, foi a “capital do mundo”.

Retornando ao encontro entre Urandir e o ex-Secretário Especial da Cultura: analisando os comentários em sua página do Instagram, observamos que as opiniões se dividem, de maneira bastante distribuída, entre aqueles que denunciam o absurdo da situação, enquadrando como *delírio*, e aqueles que parabenizam tanto Urandir e sua equipe como o ex-secretário pela atuação e *coragem*. Comentários deste segundo tipo costumam vir acompanhados de uma bandeira do Brasil - indicando certo alinhamento ideológico - e a menção de que a importância da “pesquisa” estaria diretamente relacionada ao desenvolvimento nacional do país: isto em virtude do ouro supostamente

---

9 INSTAGRAM. @mariofriasoficial. [online] 14 jun. 2022. Disponível em [https://www.instagram.com/p/Ceyj1O5r9\\_V/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_rid=94808e22-d7bb-4de5-a7bb-52c491843831](https://www.instagram.com/p/Ceyj1O5r9_V/?utm_source=ig_embed&ig_rid=94808e22-d7bb-4de5-a7bb-52c491843831). Acesso em: 08 nov. 2023.

encontrado abaixo da floresta, na região onde se localizaria Ratanabá. Essa relação é importante e faz parte do elo que une Ratanabá, o bolsonarismo e a Amazônia; voltaremos a ela mais adiante.

### **Uma breve expedição à Ratanabá**

Ratanabá estaria localizada na região do município de Apiacás, Mato Grosso, dentro da Amazônia Legal. A informação da localização da cidade foi possível graças à publicação feita no site da Dakila Pesquisas noticiando um “artigo científico sobre os cortes retilíneos encontrados na Amazônia” (DAKILA, s/d), apresentado no 14º Simpósio Nacional de Geomorfologia (SINAGEO), realizado nas dependências da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), em agosto de 2023, cujo foi escrito pelo “grupo de pesquisadores independentes do Ecossistema Dakila” (DAKILA, s/d). A chamada noticiando o evento no site traz o seguinte discurso: “Artigo científico sobre formações antrópicas em Ratanabá é divulgado no 14º SINAGEO em Corumbá, MS” (DAKILA, s/d). O texto é assinado por cinco pessoas: Saulo Ivan Nery, Urandir Fernandes de Oliveira, Fernando Silveira de Oliveira, Fernanda Maria de Lima e Robson Leite.

Apiacás é um município localizado no extremo norte do Mato Grosso (MT) e faz limite com as fronteiras estaduais de outros dois estados, Pará e Amazonas. Na região há pelo menos quatro diferentes grupos indígenas vivendo em Terras Indígenas (TI) demarcadas: Kawaiwete (Kaiabi), Apiaká, Munduruku e povos isolados. No texto apresentado no SINAGEO o grupo deixa evidente que conhece a presença desses territórios, afirmando que a área de “estudo”, ou seja, Ratanabá, estaria localizada dentro das TIs:

A área de estudo em questão encontra-se no município de Apiacás, no extremo norte do estado do Mato Grosso, divisa com estados do Amazonas e Pará, na confluência dos rios Juruena (à oeste) e o rio Teles Pires (à leste). Trata-se de área de alta densidade vegetacional amazônica localizada na porção norte da terra indígena Kayabi; próxima à divisa com a terra indígena Apyacá do Pontal e Isolados. Por se tratar de área inóspita, optou-se pela análise de dados coletados por tecnologias remotas que permitam uma maior compreensão da paisagem sem a necessidade de deslocamento por terra até o local (Nery et. al, 2023).

Assim, trazemos a pergunta: em que consistem, portanto, as então *descobertas* realizadas pelo grupo e qual a relevância dessas para o “Ecosistema Dakila”? A suposta cidade perdida na Amazônia brasileira, Ratanabá, teria 450 milhões de anos. Neste trecho, é pertinente trazer o que os colegas das Ciências da Terra elaboraram sobre a idade da Terra e sua linha do tempo. Seguindo a escala do tempo geológico, há 450 milhões de anos a Terra passava pela Era Paleozóica, Período Ordovícico, em que os primeiros vertebrados surgiram. Não há registro de nenhuma civilização nessa fase na linha do tempo da Terra, entendendo que de acordo com os estudos mais aceitos atualmente, apesar das inúmeras controvérsias postas em debate pelo campo científico<sup>10</sup>, os primeiros homínídeos foram registrados somente a cerca de 1,6 milhões de anos A.P, no atual continente africano, já no Período Pleistoceno.

Com esses dados em vista, afirmamos que não há qualquer evidência, registro ou sequer menção da cidade naquilo que temos considerado como estudos científicos<sup>11</sup>, isto é, pesquisas avaliadas e validadas pelos pares, realizadas com métodos acurados e acessíveis para a comunidade científica de referência, seja nas áreas de paleontologia, paleoarqueologia, bioarqueologia, paleoantropologia ou correlatas. Mesmo no artigo escrito e apresentado pelo grupo a palavra “Ratanabá” não foi sequer mencionada em nenhum momento, contrariando o que aponta a chamada descrita no site. Da mesma forma, não há registros da civilização que teria construído, ocupado e mapeado a suposta cidade, os Muril.

---

<sup>10</sup> “Diáspora há 2,5 milhões de anos”. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/diaspora-ha-25-milhoes-de-anos/31252>. Acesso em: 9 nov. 2023.

<sup>11</sup> Ver mais em: BBC. Ratanabá: arqueólogo explica por que lenda de 'cidade perdida na Amazônia' não faz sentido. [online]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61803303>. Acesso em: 05 ago. 2022.

Artigo científico sobre formações antrópicas em Ratanabá é divulgado no 14º SINAGEO em Corumbá, MS

© 1 de setembro de 2023



Na terça-feira dia 29, o grupo de pesquisadores independentes do Eossistema Dakila, apresentou no 14º Simpósio Nacional de Geomorfologia (SINAGEO), seu artigo científico sobre os cortes retilíneos encontrados na Amazônia e as principais hipóteses para a interpretação desse através da tecnologia LIDAR.

O Evento que iniciou no dia 24 desse mês, se encerra hoje e foi repleto de mini cursos, palestras, atividades de campo e muito mais. Trazendo como tema central a "Geomorfologia de áreas úmidas no contexto das mudanças ambientais", o evento criou discussões não só sobre o Pantanal em si, como também a sua interação com áreas de planalto e as diversas mudanças ambientais.

Figura 1: Divulgação do artigo científico apresentado no 14º Simpósio Nacional de Geomorfologia (SINAGEO)<sup>12</sup>

Partindo da constatação de que o argumento inicial disseminado sobre Ratanabá não pode ser outro que não conspiratório, visto que não é possível sustentar a existência de qualquer civilização na Amazônia nesse período e considerando, inclusive, que a formação geológica da própria floresta é datada da Era Cenozóica (Período Terciário, Época Eoceno, a cerca de 55 milhões de anos), buscamos entender como essa narrativa se desenvolveu e se expandiu a ponto de conquistar um público bastante fiel e convencido de que há uma realidade outra a ser *descoberta* naquela região.

Mesmo diante de tamanhas incongruências, o grupo continua a apresentar os  *fatos adquiridos a partir de métodos científicos* que supostamente comprovariam a existência de Ratanabá, como o uso de imagens obtidas por meio de tecnologia aérea, artefatos de cerâmica sem datação ou procedência e galerias subterrâneas que ligariam a cidade a outras regiões do planeta, em uma clara tentativa, como sugerimos, que passa pela  *produção de fatos* que sustentem suas afirmações. O  *artigo* apresentado no simpósio de geomorfologia pode e deve ser tomado como um excelente exemplo dessa produção de fatos. Portanto, a ideia a partir de agora é analisar como se desenvolvem tais argumentos e como estes se encadeiam entre si de modo a participar de uma rede narrativa complexa e desenvolva.

---

12 Disponível em: <https://www.dakilapesquisas.com.br/noticias/artigo-cientifico-sobre-formacoes-antropicas-em-ratanaba-e-ivulgado-no-14o-sinageo-em-corumba-ms/>. Acesso em 18 de nov. 2023.

## O Ecosistema Dákila

Não há como falar em Ratanabá ou Ecosistema Dakila sem passar pelo nome que dá origem e sustentação às teorias. Urandir Fernandes de Oliveira ficou conhecido nacionalmente após a viralização da reportagem da Rede Record, em 2010, sobre a aparição do E.T. Bilu, evento defendido e reiterado por Urandir. Eleito cidadão ilustre de Rochedo (MS)<sup>13</sup> e cidadão honorário de Miranda (MS)<sup>14</sup>, nascido em Marabá Paulista, alguns projetos de Urandir saíram do papel e tornaram-se realidade, como a criação de Zigurats, a “Cidade do Futuro - Pérola do Universo” que começou a ser construída em 1997, em Corguinho (MS), além do filme documentário “Terra Convexa” (2018).

No site Dakila.com.br, Urandir - que é o CEO da empresa - é descrito da seguinte forma:

Esposo, filho, pai, empresário, patrono das artes, filantropo, cientista e indigenista. Urandir Fernandes de Oliveira nasceu com o propósito de guiar as pessoas através da Ciência, da Tecnologia e de Inovações (CT&I) com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) de ponta. Para realizar esses objetivos ele criou o think tank Dakila Pesquisas e a cidade dos sonhos, Zigurats. E ele faz tudo isso por todos nós brasileiros e brasileiras.

O “Ecosistema Dakila” engloba a Cidade Zigurats; o Instituto Dakila Pesquisas; Universidade Dakila<sup>15</sup>; BDM Digital e Bank; o Recanto Havalon, além de outros empreendimentos como lojas de materiais de construção, comercialização de vinhos, cosméticos e até empresas de turismo. Estas empresas, que aparecem como financiadoras da Dakila Pesquisas, são todas vinculadas ao Ecosistema.<sup>16</sup>

Sobre o Ecosistema, o portal online o descreve e o apresenta da seguinte forma<sup>17</sup> :

---

<sup>13</sup> Nesta ocasião, estavam envolvidos dois vereadores do DEM: Valdir Rodrigues e Waldemir Lúcio.

<sup>14</sup> O título foi proposto e apresentado à Câmara de Vereadores do Município de Miranda (MS) pelo vereador Giorgio Bruno Maia Cordella (Podemos) em 2023. O Podemos, partido do vereador, foi base de apoio do governo Jair Bolsonaro.

<sup>15</sup> Apesar da nomenclatura, fazendo-se a busca na lista de instituições credenciadas no MEC, não é possível localizar tal Universidade.

<sup>16</sup> Para não fugir ao escopo deste trabalho, não teremos como adentrar nos detalhes que encontramos a respeito de cada uma dessas empresas, assim como com as semelhanças particulares entre elas. A maioria dos sites são em inglês, e compartilham de uma linguagem semelhante àquela empregada nos portais virtuais que analisamos aqui.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.dakila.com.br/ecossistema-dakila/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Urandir Fernandes de Oliveira, patrono de pesquisas e desenvolvimentos na fronteira tecnológica mundial e pioneiro do esclarecimento científico-tecnológico, repensou toda a estrutura de seus esforços. Ele concluiu que - na atual conjuntura - suas ações precisam estar alinhadas com as expectativas que se tem delas e prontas para atender as necessidades de seus parceiros, do Estado brasileiro, de seus nacionais e dos cidadãos internacionais que procuram por sua mão amiga.

Para auxiliar nesta missão, em 2021, o cientista e filantropo Urandir Fernandes de Oliveira criou o Ecossistema Dakila: um conceito que abarca todas as organizações e empreendimentos fomentados por seu idealizador e benfeitor-mantenedor.

O Ecossistema Dakila serve de “guarda-chuva teórico” para os empreendimentos (Kion, BKC e etc.) que por sua vez servem de facilitadores e indutores da filantropia de Urandir que é realizada através de Ações Cívico Sociais (ACISOS) e da promoção de ensino e pesquisa de altíssimo nível.

O Ecossistema Dakila serve tanto para framework de análise de resultados visando ajustes de trajetória como para compartimentar dentro de uma sistemática comum os atuais e vindouros desenvolvimentos capitaneados por Urandir.

Assim, a partir do conceito de ecossistema se deu a partida para um trabalho visando organizar e propagar a belíssima história de Urandir e seus parceiros e dos presentes que eles trazem para a humanidade.

A frente de pesquisas do Ecossistema Dakila, a “Dakila Pesquisas”, foi fundada em 1999, com sede na região que hoje viria a se chamar “Cidade Zigurats”, localizada nas proximidades do município de Corguinho, no Mato Grosso. No site, a instituição se caracteriza como um *think tank* e se apresenta da seguinte forma:

O Dakila Pesquisas pretende desempenhar um papel de liderança no desenvolvimento das abordagens interdisciplinares e multidisciplinares necessárias para promover os objetivos da agenda internacional de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em Ciência, Tecnologia e Inovações (CT&I). Para a consecução desse objetivo contamos com Doutores, Mestres e Graduados de nível internacional e comprovada experiência de vanguarda no campo da CT&I. Nosso capital humano busca unir a pesquisa científica com a aplicabilidade prática em questões relacionadas ao Desenvolvimento nacional e internacional.<sup>18</sup>

Não é possível encontrar no site os nomes dos integrantes, o que inviabiliza que verifiquemos seus currículos ou trajetórias de formação. Dos nomes encontrados, nenhum tem Currículo Lattes, por exemplo. A frente de pesquisas, conforme o site, é subdividida em algumas divisões, sendo estas: Divisão de Ciências Exatas e da Terra (DCET), Divisão de

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.dakilapesquisas.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Engenharia (DIEN), Divisão de Ciências Sociais Aplicadas (DCISA), Divisão de Ciências Humanas (DCIHU), Divisão de Ciência Lilarial (DICILILA) e Divisão de Estagiários e Colaboradores Externos (DIECE).

Quanto aos financiamentos, poucas são as informações disponíveis. Na reportagem publicitária divulgada no G1, há um de autofinanciamento descrito da seguinte forma:

O valor da mensalidade é de R\$ 40 para titular e R\$ 25 ao dependente. Caso a pessoa decida pagar em BDM Digital, o valor reduz para R\$ 36 e R\$ 20 (no caso, é preciso converter de acordo com a cotação do dia). Todas as informações sobre o pagamento estão disponíveis no site (G1, 2021a).

O BDM Digital é uma das maiores causas de premiações e títulos de Urandir. A linguagem do ouro que aparece em Ratanabá, se faz presente aqui também. O Bônus Dourado Mercantil é um dinheiro digital que “nasceu” no Mato Grosso do Sul - estado que abriga a maior parte do Ecosistema Dakila -, servindo para investimento e aplicação. Há ainda, no histórico Dakila a versão física do BDM. A este respeito eles explicam em outra reportagem publicitária no G1 que, “visando o objetivo original do grupo de expandir esta implementação até mesmo em outros países, a equipe técnica de Dakila Pesquisas desenvolveu a Blockchain BDM, uma plataforma 100% nacional e com a moeda digital criptografada BDM Digital” (G1, 2021b).

### ***Os Pesquisadores***

Grande parte da estrutura que sustenta as teorias levantadas pela Dakila Pesquisas é baseada no relato dos *pesquisadores* que compõem o grupo. Posicionando-se como uma instituição de ensino, o instituto evoca a todo tempo a legitimidade das pesquisas que realizam, baseadas em “tecnologias avançadas” e “explorações em campo”. Não há uma preocupação em definir exatamente a área na qual atuam enquanto pesquisadores - se são arqueólogos, geógrafos, historiadores, antropólogos, paleontólogos - assim como não há nenhuma relação com instituições de pesquisa e ensino, públicas ou privadas. Ao buscar informação sobre os currículos das pessoas que produzem o que o grupo compreende como pesquisa, não encontramos muitas informações disponíveis.

O recurso à autoridade dos supostos “Doutores, Mestres e Graduados de nível internacional e comprovada experiência de vanguarda no campo da CT&I”<sup>19</sup> busca produzir uma garantia sobre o que está sendo produzido/investigado a partir dos marcadores de uma cientificidade - dada pela titulação de quem o faz -, mesmo que em caráter fictício, já que a titulação acadêmica depende de um processo de validação institucional. Por não passarem pelas normas que possibilitam a circulação das pesquisas entre pares, não são levadas a sério pela comunidade científica tradicional.

No entanto, essa exclusão por parte da comunidade acadêmica não parece produzir frustração entre os pesquisadores de Dakila, pois o interesse em formar um grupo de pesquisa era justamente para que não se enquadrasse nos moldes tradicionais acadêmicos: “Aqui trabalhamos com realidades, dimensões paralelas. Os mundos estão próximos, nesse momento é muito mais possível transitar entre essas dimensões, basta acelerar a frequência mental e entrar em beta”<sup>20</sup>.

Ou seja, o argumento utilizado pelos integrantes de Dakila é o de que a ciência - por suas limitações metodológicas - seria incapaz de compreender e descobrir aquilo que foi possível através dos integrantes de Dákila. Em uma reportagem produzida pela própria equipe Dákila e divulgada no G1 - plataforma jornalística ligada ao grupo Globo -, o Ecossistema Dakila afirma que “desenvolveu sua própria metodologia de estudos baseados na Ciência Lilarial, onde estudam as leis universais (aquelas que regem os mundos paralelos, ou seja, tudo aquilo que não é visível aos cinco sentidos humanos) e os fundamentos da natureza” (G1, 2021a). A “Ciência lilarial” aparece como uma contraposição à “ciência tradicional” e é definida como “(...) a ciência das ondas moduladoras entrelaçadas, constituída por sete pilares: magnetismo, densidade, pressão, luz, onda moduladora positiva, onda moduladora negativa, ondas moduladoras neutras (tempo zero ou tempo do não tempo)”. Em 2019, em Brasília, foi realizado o I Simpósio Nacional de Ciência Lilarial. O Simpósio teve por objetivo “divulgar conhecimentos técnicos e científicos e apresentar uma visão clara e real sobre o que a ciência tradicional não ensina”<sup>21</sup>.

---

19 Disponível em: <https://www.dakilapesquisas.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

20 Ver em <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/terra-do-et-bilu-abre-as-portas-para-turismo-e-quer-desmistificar-o-fim-do-mundo>. Acesso em: 16 nov. 2023.

21 Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/i-simpósio-nacional-de-ciencia-lilarial-traz-informacoes-ineditas,d6747c9b7cf0c84d40f9636a570c755c3v2cbc9q.html#:~:text=As%20pesquisas%20s%C3%A3o>

## “Contra fatos não há argumentos”

Notamos em nossa incursão etnográfica pelas redes sociais do grupo, principalmente no canal no Youtube, que o período de maior disseminação de vídeos ocorreu no mês de junho de 2022, mesma época que o alarme sobre o avanço do garimpo nas TIs da Amazônia ganhou destaque nos noticiários da imprensa brasileira e internacional, em virtude do desaparecimento de Bruno e Dom.

O primeiro vídeo sobre Ratanabá foi publicado no canal do Youtube do grupo Dakila Pesquisas em 2019, recebendo o nome de “Amazônia a Capital do Mundo”. O vídeo possui cerca de 18 minutos e é narrado pelo próprio Urandir Fernandes, que traz ataques e críticas às instituições de proteção e demarcação de territórios tradicionais, como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), além do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN). Em novembro de 2023, o vídeo tem 189.000 visualizações.

Quando as notícias sobre a “descoberta” de Ratanabá apareceram em junho de 2022, a mesma não era exatamente uma novidade na fábrica de teorias conspiracionistas, porém, ressurgiu no contexto do pós-pandemia - um momento já marcado pelo embate entre ciência e política - durante um governo que seguia uma agenda política de destruição ambiental, e que também era envolvido com questões que versavam sobre a produção e disseminação de *Fake News*, conspirações e negacionismos.

Assim, passados três anos desde que o primeiro vídeo foi postado, em 2019, as novas produções sobre Ratanabá foram adicionadas ao canal do Youtube do grupo Dakila Pesquisas somente em junho de 2022. O primeiro dessa série de vídeos recebeu o nome de “RATANABÁ - Diário de Bordo - Dia 01”, mostrando uma *ida à campo* para desbravar os “vestígios” da cidade perdida, ou seja, produzindo os *fatos* que comprovariam a tese. De junho de 2022 a setembro de 2022, dezenove vídeos sobre Ratanabá foram postados no canal do Youtube da Dakila Pesquisas, com duração que variam entre 0h 35 segundos a 2h e 36 minutos.

---

[%20realizadas%20em,ou%20tempo%20do%20n%C3%A3o%20tempo\)..](#) Acesso em: 10 nov. 2023.



Figura 2: Captura de tela dos vídeos disponíveis no canal Dakila Pesquisas no Youtube a partir de junho de 2022



Figura 3: Captura de tela dos vídeos disponíveis no canal Dakila Pesquisas no Youtube a partir de junho de 2022

Como citado, um dos vídeos disponíveis no canal do Youtube dá título a este trabalho: “Contra Fatos Não Há Argumentos”. A produção foi transmitida por meio de *live* e tem duração de 2h 26m, tendo sido realizada em junho de 2022, contando com a participação de Urandir Fernandes, Otávio Reis, Garibalde Rodrigues, além de Rafael Hungria, youtuber bolsonarista que se autodeclara pesquisador associado à Dakila Pesquisas. Em trechos do vídeo, citam que irão “responder aqui mostrando os fatos, os fatos”, fala destinada à “muita gente que nunca nem pôs os pés na Amazônia, nunca pôs os pés em *trabalho nenhum de atividade de campo*”. Os presentes na *live* afirmam que são pesquisadores, por possuírem parcerias com inúmeros órgãos, apesar de não citarem quais.

Durante a transmissão foram exibidas imagens do avião que sobrevoou a região amazônica com a tecnologia LiDAR (Light Detection And Ranging), espécie de sensor remoto não operado, responsável por fotografar “as quadras e as ruas de Ratanabá”, algo que comprovaria, por meio das imagens, a existência da cidade. Segundo o site do INPE, “a técnica LiDAR é utilizada principalmente para levantamentos topográficos, para caracterizar a estrutura da vegetação, bem como a volumetria de edificações e ambientes urbanos de forma mais rápida e confiável”<sup>22</sup>. No entanto, as imagens geradas pelo grupo Dakila são exibidas de modo aleatório, sem a inclusão de legendas ou informações que as tornem *legíveis*. Ainda sobre o LiDAR, afirmam que:

Captada por avião, a tecnologia utiliza pulsos de laser capazes de penetrar na vegetação sem precisar desmatar a floresta. As imagens, reveladas no último dia 7 de agosto, em live no canal do YouTube Dakila Pesquisas, uma associação de pesquisadores independente, mostram que o local sofreu intervenção do homem (DAKILA, s/d).<sup>23</sup>

No que diz respeito ao campo de estudos da arqueologia no Brasil, especialmente a Arqueologia Amazônica, trabalhos como o de Eduardo Neves (2022) apontam a existência de ocupação humana na Amazônia Central, localizada no estado do Amazonas, há pelo menos 8 mil anos. A ocupação, datada por meio de cultura material, compreendida pelo “fazer arqueológico, materiais, métodos, práticas e conceitos” (NEVES, 2022, p. 27) se refere aos ancestrais dos atuais grupos indígenas que vivem na região, se estendendo às demais áreas da Amazônia, que atravessa, ao todo, nove países: Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Portanto, afirmar “que o local sofreu intervenção do homem”, isto é, agência antrópica que influenciou a paisagem e transformou a Amazônia na maior floresta tropical do mundo é o trabalho que a arqueologia tem desenvolvido de forma minuciosa e criteriosa ao longo dos últimos anos, por meio de pesquisas e metodologias elaboradas nas Terras Baixas da América do Sul. A Amazônia não é, de forma alguma, uma floresta virgem e intocável que se desenvolveu sem a presença humana, mas sim um lugar de simbiose e de relação humana e não-humana.

---

22 Disponível em <http://www.dsr.inpe.br/DSR/areas-de-atuacao/sensores-plataformas/lidar>. Acesso em: 19 nov. 2023

23 Disponível em: <https://ipesi.com.br/tecnologia-lidar-confirma-existencia-da-cidade-perdida-na-amazonia-brasileira/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

Na região onde estaria localizada Ratanabá, em Apiacá-MT, existem registros de 20 sítios arqueológicos no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), administrado pelo IPHAN. Em vários desses sítios pré-coloniais destaca-se a presença da Terra Preta de Índio, de pinturas rupestres, além de objetos líticos e de cerâmica.

O interessante é que se de um lado o grupo Dakila Pesquisa propaga que Ratanabá foi criada pelos Muril, “civilização que foi a primeira a chegar na terra há 600 milhões de anos atrás”, por outro, apontam no *artigo científico* apresentado no mencionado simpósio de geomorfologia que a região apresenta “intervenção do homem” nas tais “quadras”, representadas nas imagens 8 e 9. A afirmação nos parece, no mínimo, curiosa, visto que o grupo frisa inúmeras vezes que os Muril não são humanos.

Segundo o youtuber Rafael Hungria, em entrevista disponível no Youtube<sup>24</sup> para o programa “Café da Manhã”, da TV Cultura Litoral, os Muril “eram diferentes”, isto porque “pelo o que estamos descobrindo, eles eram mais altos, com uma genética um pouco diferente da nossa. Não é dessa linha homem Sapiens Sapiens”. Além disso, de acordo com a mesma teoria os Muril “eram muito altos, talvez gigantes, podendo chegar a 3 ou 4 metros de altura”. Seguindo Hungria, frente ao que entenderam sobre o assunto, “eles têm uma origem, também, talvez, extraterrestre”, sendo estes supostamente os primeiros habitantes do planeta, responsáveis pela “construção de grandes cidades em pedra ao redor do mundo, mapeando a malha magnética da terra, os vórtices de energia do planeta”.

Na mesma entrevista, Rafael Hungria afirma que existem “pesquisas arqueológicas” que falam de um antigo “Povo de Mu”, do “Continente de Mu”, descendentes dos Muril; teriam ainda outros descendentes, os “Lemurianos”, referente a outra teoria conspiratória amplamente propagada. Estes seriam “deuses visitantes”, que, durante a vinda à Terra, construíram pirâmides em vários lugares do mundo. Entretanto, argumentos como esses são conhecidos pela propagação de racismos, como o livro “Eram os Deuses Astronautas”, publicado em 1968, por Erich von Däniken, que afirma que os povos do continente africano, do Egito, não teriam tecnologia suficiente para terem construído as pirâmides, milhares de anos atrás, não restando dúvidas que se trata de ação extraterrestre.

---

24 Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=gZnX\\_n2dAl4&t=123s](https://www.youtube.com/watch?v=gZnX_n2dAl4&t=123s). Acesso em 19 de novembro de 2023.

Da mesma forma, o uso dessas teorias aplicadas ao contexto da Amazônia propaga uma série de racismos contra seus povos. A tecnologia LiDAR, de acordo com Hungria, é para “trazer cientificamente uma evidência, para provar, de fato, que na Amazônia existe algo”, algo que chegou até lá por meio extraterrestre, como uma cidade perdida, desacreditando a ação dos antepassados indígenas que ocupavam a região há mais de 8 mil anos.

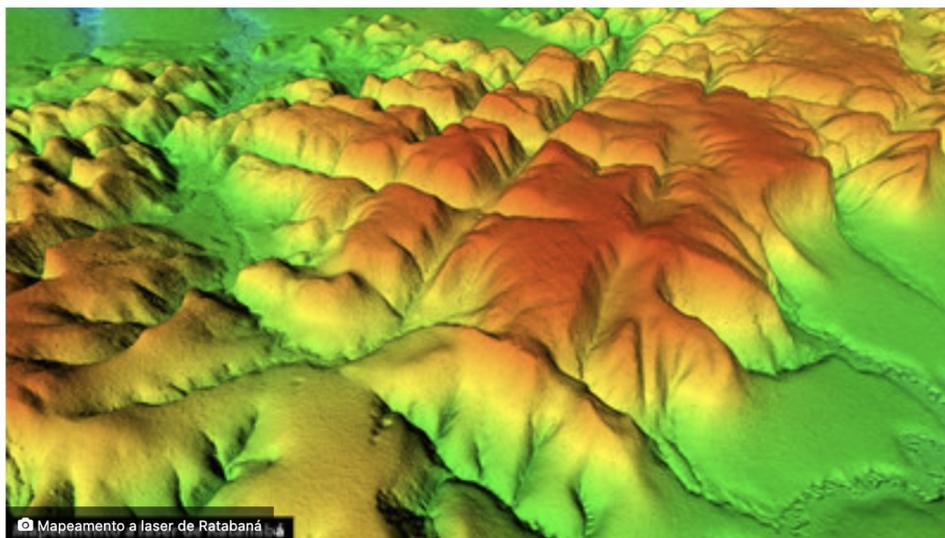


Figura 4: Mapeamento produzido pela tecnologia LIDAR em Apicás, no Estado do Mato Grosso (MT)

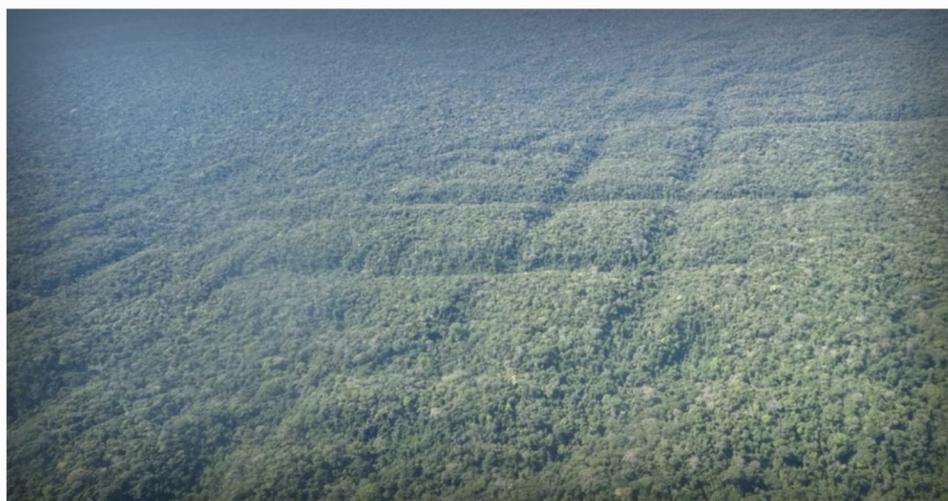


Figura 5: Vista aérea das quadras de Ratanabá, em Apicás, Mato Grosso (MT).

## **Dakila, Ratanabá e a agregação do Movimento Agroindígena**

Anteriormente, mencionamos que a localização de Ratanabá, conforme a descrição apresentada pela Dakila Pesquisa, estaria dentro de territórios indígenas demarcados no estado do Mato Grosso. Como veremos a seguir, o grupo buscou aproximação com indígenas da região.

Uma das *playlists* do canal no Youtube Dakila Pesquisas é intitulada “A voz das Etnias”. Até o momento são 14 vídeos adicionados na playlist, divididos entre *lives* realizadas com os integrantes do grupo junto a diversas lideranças indígenas e a transmissão de trechos de reuniões e audiências públicas realizadas no âmbito da Câmara dos Deputados, que acompanha debates realizados pela Comissão Agroindígena - Frente/Movimento Agroindígena<sup>25</sup>. A Comissão Agroindígena presente na Câmara dos Deputados é ligada à comissão Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), que tem como um dos membros a deputada indígena Silvia Waiãpi (PL-AP), mesmo partido ao qual Bolsonaro se filiou em novembro de 2021 para disputar as eleições de 2022.

Nas *lives*, participaram algumas lideranças indígenas conhecidas por seu entrelaçamento com setores da direita brasileira, como Ysani Kalapalo e Luciene Kayabi, esta última, advogada e assessora jurídica do Movimento Agroindígena.

O propósito da série de vídeos no canal da Dakila Pesquisas é descrito da seguinte forma:

O Ecossistema Dakila, frente as pesquisas de Ratanabá, vivenciou junto a diversas etnias os desafios para a sua subsistência e uma vida digna, criando a partir das parcerias realizadas o quadro “A Voz das Etnias”, um espaço para propagação da realidade dos povos originários do Brasil.<sup>26</sup>

Assim, apesar de nossa análise inicial ser incipiente e carecer de dados etnográficos suficientes, localizamos que o discurso comum que atravessa e encontra o Movimento Agroindígena e o grupo Dakila passa pelo uso econômico e desenvolvimentista da Amazônia. Por um lado, falamos de populações que sofrem com a ausência de políticas públicas pensadas a seu favor no que diz respeito ao desenvolvimento econômico, são sufocadas pelo agronegócio de todos os lados, além de relegadas quanto ao cumprimento da demarcação e proteção de seus territórios

---

<sup>25</sup> Dentro da política parlamentar é chamado de Comissão Agroindígena; entretanto, nas demais esferas, é chamado de Frente ou Movimento Agroindígena.

<sup>26</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=Zbbamf8StQk&list=PLHqVJOo7pKiw\\_peCw-bSBT11SgW5fZIHh&index=3&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=Zbbamf8StQk&list=PLHqVJOo7pKiw_peCw-bSBT11SgW5fZIHh&index=3&t=2s). Acesso em: 20 nov. 2023.

tradicionais; por outro, temos um grupo que o CEO é uma pessoa ligada a empreendimentos imobiliários construídos através da disseminação de conspiracionismo, como Zigurats.

Segundo a advogada Luciene Kayabi, as ONGs estrangeiras seriam responsáveis pela “manipulação dos povos indígenas”, trazendo “fome e miséria”: “Eles (as ONGs) querem o que está na terra. Nossos minérios. O ouro, o diamante. Estamos sendo praticamente roubados, todo o povo brasileiro, não só os povos indígenas”<sup>27</sup>. O suposto interesse estrangeiro no ouro escondido na região de Ratanabá é um dos motes políticos dos integrantes de Dakila, contribuindo para a atitude conspiratória orientada por uma “verdade oculta” que ordenaria o mundo contemporâneo (ALMEIDA, 2018).

Em muitas das lives realizadas com os indígenas, o assunto é a suposta ineficiência das políticas públicas no indigenismo: haveria uma “(...) discrepância nas proteções sobre a dignidade da vida indígena, versus proteções ambientais e burocracias que apenas prejudicam de forma infundada o desenvolvimento e sustento das etnias”<sup>28</sup>. Aqui identificamos a clássica argumentação bolsonarista de que a “burocracia é um entrave para o governo”<sup>29</sup>, em defesa do desmonte de políticas públicas.

A relação entre o Movimento Agroindígena e o grupo Dakila é extensa e perpassa muitas nuances que não seremos capazes de desenvolver por ora, fugindo daquilo que nos propusemos a realizar neste trabalho. Trazemos essa informação, mesmo que de modo superficial, para lembrar da importância de conhecer o pensamento negacionista, de modo a localizá-lo dentro de um contexto maior.

### **Sobre a Ciência e sua negação**

Neste texto, buscamos apenas elencar os elementos e eventos que compõem a rede do ecossistema Dakila, levantando alguns dos pontos que merecem uma investigação mais detalhada e demorada, a ser feita em outro momento. De todo modo, cabe aqui nos perguntarmos sobre a relevância de refletir a respeito de um tema que parece, pela forma como se apresenta, absolutamente irrelevante para a produção científica. Enquanto

---

<sup>27</sup>Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/07/5106629-lider-do-movimento-agroindigena-denuncia-manipulacao-de-ongs-em-cpi.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

<sup>28</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Zbbamf8StQk&list=PLHqVJOo7pKiw\\_peCw-bSBT11SgW5fZIHh&index=2&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=Zbbamf8StQk&list=PLHqVJOo7pKiw_peCw-bSBT11SgW5fZIHh&index=2&t=2s)

<sup>29</sup>Disponível em <https://diplomatie.org.br/a-politica-negativa-nos-moldes-do-bolsonarismo/>. Acesso em 20 de novembro de 2023.

conhecimento das áreas da arqueologia, biologia, geografia, de fato, talvez seja apenas mais um negacionismo, mas pela ótica das Ciências Sociais, buscamos entender justamente de que forma tal fenômeno vem ganhando força nos últimos tempos (CESARINO, 2022), fazendo parte de toda uma operação de negação de postulados científicos básicos. Este trabalho visa endossar que "uma análise cuidadosa dos diversos posicionamentos negacionistas e conspiracionistas permite compreender que o que seus adeptos negam não é “a ciência”, mas sim determinadas práticas e enunciados dos quais se duvida que sejam verdadeiramente científicos" (COSTA, 2021, p. 307).

O que move a vontade de desestabilizar alguns dos preceitos básicos da ciência, algo tão fundamental para nossa concepção de mundo? Seguindo Isabelle Stengers (1997), filósofa que entende a ciência sobretudo como um jogo de conquistas na constituição de legitimidade e verificabilidade, discursos como esse demonstram como uma ciência positivista exclui do processo de construção de conhecimento todos aqueles que não passaram pelos métodos tradicionais de legitimação. Isso torna o conhecimento científico em si hermético, e exclui a possibilidade de participação de amadores e demais interessados na investigação científica.

Diante da complexidade que essa pergunta evoca, nossa contribuição se limita a buscar descrever *como*, a partir do recorte aqui escolhido, esse discurso se desenvolve e cativa novos adeptos. O que torna um fato um *fato* é justamente esse processo de verificabilidade. Portanto, a produção de fatos através de “métodos inacessíveis” seria o que caracterizaria, de início, o projeto como “negacionista”. Se o negacionismo aparece como um sintoma do positivismo ortodoxo, seria preciso renunciar à ideia de uma única Ciência, uma forma única de acessar a *realidade* das coisas para que possamos produzir *saberes localizados*, como inferiu Donna Haraway (2009), e estabelecer novos e diversos alicerces na construção do conhecimento. No entanto, como pensar essa composição no caso dos negacionismos, principalmente quando se inserem dentro de uma agenda política maior? A esta pergunta não conseguimos oferecer nenhuma resposta, senão pelo contrário, apenas arranjos possíveis para que uma agenda de pesquisa e perguntas sejam constituídas no intuito de pensar o problema (HARAWAY, 2016).

O caso de Ratanabá mostra como o distanciamento operacionalizado na divulgação do saber e do conhecimento científico, passando longe de se oferecer como uma Ciência Aberta, é factível à captura de projetos políticos que operam pela lógica do

extrativismo. Ao retrair esses caminhos, tramas foram abertas. Assim, esperamos oferecer curiosidade aos leitores para que possam continuar investigações nas redes e tramas que se ligam à política, conspiracionismo e negacionismos.

## Referências

ALMEIDA, Rafael Antunes. Notas para uma reflexão sobre as “teorias da conspiração”. **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 23, 2018.

CESARINO, Letícia. Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. **Civitas - Rev. Ciên. Soc**, v. 21, n. 2, maio./ago. 2021.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: Verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

COSTA, Alyne. Negacionistas são os outros. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 15, p. 64-73, dez. 2021.

DÁKILA. Projetos. **Dákila Pesquisa** [online] s./d.. Disponível em: <https://www.dakilapesquisas.com.br/projetos/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, 2009.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucen**. Durham: Duke University Press, 2016.

G1. Busca por conhecimento leva Dákila Pesquisas a ter 714 mil participantes pelo mundo. **G1** [online], 17 ago. 2021a. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/especial-publicitario/dakila-pesquisas/dakila-pesquisas-o-comeco-do-futuro/noticia/2021/08/17/busca-por-conhecimento-leva-dakila-pesquisas-a-ter-714-mil-participantes-pelo-mundo.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

G1. BDM Digital: conheça a moeda que está mudando a vida de muitas pessoas. **G1** [online], 06 nov. 2021b. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/especial-publicitario/bdm-digital/bdm-digital-a-moeda-que-faz-a-diferenca/noticia/2021/09/06/bdm-digital-conheca-a-moeda-que-esta-mudando-a-vida-de-muitas-pessoas.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. **Digital Anthropology**. New York: Routledge, 2020.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; DE FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 29, n. 2, p. e181821-e181821, 2020.

MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Trad. Camila Balsa e Juliane Bazzo. **Blog do Sociólogo**, 2020. [publicado em 23 maio 2020]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/> Acesso em: 28 dez. 2021

NERY, S.I, et. al. Análise da paisagem para identificação de formas de relevo a partir de imagens geradas por tecnologia LiDAR, In: **XIV SINAGEO**, 2023.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. **Cadernos Pagu**, n. 38, p. 197-222, 2012.

RATANABÁ: a capital do mundo - Dakila Pesquisas. [S. L.]: **Dakila Pesquisas**, 2022. Online (432 min.), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2AeZkX411QU>. Acesso em: 19 set. 2022.

ROCHA, A. P. O Caminho de Peabiru: implicações em seu tombamento como patrimônio material e imaterial. **Anais XX Semana de História**. Maringá, PR, 2015.

STENGERS, Isabelle. Inventer une écologie des pratiques. **La Recherche**, n. 297, abr. 1997. Disponível em: <https://www.larecherche.fr/isabelle-stengers-%C2%AB-inventer-une-%C3%A9cologie-des-pratiques-%C2%BB>. Acesso em: 20 ago. 2022.